JOÃO TORDO

CEM ANOS DE PERDÃO

THRILLER

Companhia Das Letras

7 de Abril, prisão de Brixton

O problema, aqui dentro, é que ninguém quer fazer-me.

Sou o mais velho de todos os prisioneiros da HMP Brixton — quase uma década mais velho do que Paul Dunce (o mais velho a seguir a mim), que, quando chegou, foi feito muitas vezes no chuveiro e na lavandaria, mas era de esperar; quase nos sessentas, Dunce continua a ser um tipo bem-parecido, de queixo quadrado e olhos azuis e doces, portanto, imagino como teria sido aos quarenta e dois, quando entrou no sistema prisional, condenado por homicídio qualificado.

Quando ninguém quer fazer-te numa prisão, és, como dizem os ingleses, *nobody's bitch*. Terra-de-ninguém. És demasiado velho para os Maricas, demasiado flácido para os Culturistas, demasiado inteligente para quase todos, incluindo os guardas. Um deles, chamado Qualls, veio pedir-me conselhos há pouco tempo; está a pensar em escrever umas coisas nos tempos livres, e queria saber o que devia ler, tendo em conta que eu sou o recluso mais culto de Brixton.

"Toma", disse-lhe eu, e entreguei-lhe uma pilha de livros onde se incluía *Tess dos D'Ubervilles*, *O Retrato de Dorian Gray*, *A Cartuxa de Parma*, *O Adeus às Armas*, *A Morte de Ivan Ilitch* e, quase por graça, um livro do Stephen King chamado *Quatro Estações*.

"Gostei do King", disse-me o guarda mais tarde, "aquela primeira história é do caraças, até imaginei que podia acontecer aqui."

"Não vejo porque não", respondi, e percebi então que Qualls, provavelmente, não vira o filme *Os Condenados de*

Shawshank — o que faria dele, talvez, a única pessoa no mundo que nunca vira esse filme —, ou teria identificado as personagens: Andy Dufresne, Red, o guarda Hadley.

"Ei, eu não tenho nada a ver com este Hadley, pois não, Brains?"

"Não te preocupes, Qualls."

"Grande história", repetiu, "até vou arranjar um *poster* da Rita Hayworth para ter em casa."

Brains.

É a minha alcunha aqui dentro.

Ao que consta, sou mais cerebral do que os outros reclusos. Sou educado, sei coisas. Leio livros. Para além de mim, praticamente só Hank é que requisita exemplares à biblioteca — e Hank não é propriamente um tipo que goste de ler, o que lhe interessa é ter uma pilha de livros junto da cama, puro exibicionismo. Hank e eu tivemos o mesmo advogado, um asno com um metro e noventa a quem chamamos Anormal, que apareceu na esquadra da Polícia de Brighton & Hove, onde eu me encontrava preso, e prometeu representar-me até ao limite das suas capacidades — mesmo depois de eu lhe dizer que não queria representação e que as suas capacidades pareciam limitadíssimas, mas, aparentemente, no país de Sua Majestade, ter um *barrister* é importante, mesmo quando uma pessoa se declara culpada.

"Vou arranjar-lhe um acordo", disse o Anormal, "querem enfiá-lo em Brighton — Categoria B —, mas eu consigo metê-lo em Brixton, categoria C: menos *scum*, menos problemas; se calhar, até lhe consigo uma comutação da pena daqui a uns anos, dependendo do seu comportamento." Ergueu o olhar da papelada, estávamos num daqueles dias gelados de Fevereiro, que ninguém deseja viver. "Seja como for, você não me parece daqueles que se portam mal, bem pelo contrário." Pousou

a caneta na mesa, assentou nela os cotovelos, e enquanto, atrás dele, um dos polícias da força de Sussex — aqueles chapéus axadrezados eram ridículos, tiravam-lhes toda a seriedade —, de polegares enfiados no cinto das calças, olhava para o relógio, o advogado perguntou:

"Porque é que você foi matar um defunto, hã?… Um tipo decrépito numa casa de repouso. Gota, varizes, praticamente sem conseguir sair da cama, a mijar e a cagar para dentro de um saquinho, e você veio de Portugal para o estrangular…"

Interrompi-o nesse momento.

"Já lhe disse que sou culpado, *solicitor.*"

"*Barrister*…"

"… torno a dizer que é escusado irmos a tribunal."

"Não vamos a tribunal defendê-lo", disse o Anormal, "vamos tentar que o tempo mínimo seja inferior ao tempo que tem de vida, para ver se ainda aproveita uns dias de sol lá no seu país antes de bater a bota. Ah, e mudá-lo para Brixton, claro."

"E o que é que você ganha com isto?"

Ele abriu os braços, como se fosse um anjo protector.

"*Pro bono*, meu caro."

Foi a minha vez de pousar os cotovelos na mesa, entrelaçando os dedos.

"Acha que eu sou estúpido?"

"O quê?"

"Estúpido. Eu." Apontei para o meu rosto. "Posso não ser inglês, mas sei perfeitamente que os advogados, aqui *no seu país*, andam atrás de casos como o meu para conseguirem trabalhos de Legal Aid. Eu não lhe pago, mas paga-lhe a Coroa Inglesa."

Foi a vez de ele puxar dos galões.

"Sabe aquele tipo que tem estado aqui consigo, o Baines?" Referia-se ao Hank. "Na cela ao lado da sua? Bom, ele também

não queria representação; declarou-se culpado de esventrar um porco ali para os lados de Falmer e, a seguir a isso, enfiar as entranhas do animal na boca da mulher durante a noite. Quis calá-la para sempre, e conseguiu." Pegou na caneta, bateu com ela na mesa. "Já foi casado?"

"Há muitos anos."

"É que isso eu não entendo, está a ver?", argumentou o Anormal, recostando-se na cadeira, o fato demasiado largo para o corpo magro de fuinha, os dentes amarelados dos ingleses que beberam demasiado chá. "É normal que, de vez em quando, um gajo queira estrangular *the old ball and chain*, não há nada como uma mulher para foder a cabeça a um tipo… Agora, um velho à beira do colapso? Arriscar prisão perpétua por causa de uma carcaça?" O advogado pôs-se a rodar a caneta entre os dedos; acenou que não com a cabeça, fez um esgar de repúdio. "Não entendo, *my son*… Simplesmente, não entendo."

Tanto eu como Hank apanhámos prisão perpétua. No meu caso, com possibilidade de comutação da pena ao cabo de quinze anos, e vinte anos no caso dele. A juíza classificou o homicídio que Hank cometera de «grotesco», igual a nada que ela algum dia tivesse ouvido em tribunal.

Até aparecer o caso de Max Loar, claro.

A maioria das pessoas daria um braço para não as fazerem na prisão. Mas, na verdade, é um erro de perspectiva. Porque equivale a um ritual de iniciação. És feito ou pelos Maricas, ou pelos Culturistas, ou pelos Cock'n'Eyes (o grupo dos criminosos do East End, nome bastante original), ou até por um dos guardas, e passas a ser parte da cultura vigente, integrado na tribo. Por aqui, garantem que só dói realmente da primeira vez,

por causa da resistência; a segunda ainda é sofrida, mas, a partir daí, torna-se um hábito. Poucos são violados mais de quatro ou cinco vezes; se há coisa que não falta na prisão é carne fresca.

O problema, quando não te fazem, é que passas imediatamente a segregado. Ninguém quer falar contigo; os reclusos baixam a voz quando passas por eles; ficas num patamar entre um preso e um guarda, alguém lá de fora que, por acaso, está cá dentro. Uma vez, encontrei Dunce enquanto decorria um jogo de futebol no pátio. Ele e eu não tínhamos sido convocados, éramos demasiado velhos para jogar. E Paul, sempre educado, disse-me: «Não leves isto a mal, Brains», antes de se afastar e ir para o outro lado do pátio ver o jogo. Não levei a mal, claro. Já sabia que a minha proximidade não era benéfica para um recluso da HMP Brixton.

Portanto, eu falava com Qualls, com Hank Baines — das pessoas mais burras que algum dia conheci, um idiota malvado, se é que tal é possível —, comigo próprio e com as paredes da cela.

Até que, um dia, Max Loar chegou à prisão. Um miúdo de vinte anos, magro e alto, alourado, proveniente de uma pequena ilha ao largo de Morte Point, no canal de Bristol. Não havia nada de especial nele, excepto o olhar, fazendo lembrar o de Joana d'Arc no filme de Dreyer — olhos azuis muito claros e sofridos, submersos num suplício prematuro, gestos calmos e muito lentos, a obediência silenciosa a todas as ordens dos guardas. Na primeira noite, foi colocado numa cela da ala G (para onde iam os «reclusos vulneráveis», isto é, os predadores sexuais) e, nunca tendo passado pela ala B — onde os recém-chegados dormiam na primeira noite, sob o auspício dos Older Offenders (ou os OO, como aqui são conhecidos) —, transitou logo para a ala D, a nossa ala, a mais comum. Ninguém parecia saber onde o colocar.

Durante aqueles dois anos, eu assistira a muitas *opening nights*, como eram conhecidas as ocasiões em que os reclusos mais notórios eram trazidos para Brixton. Desconheço-lhes os truques, mas a verdade é que os OO sabem de tudo antes de tudo acontecer. Vem aí o gajo que violou as duas irmãs; vem aí o *bloke* que assaltou o banco com uma arma de plástico; vem aí o sobrinho do Terry Adams, do gangue de Clerkenwell; vem aí o idiota que enfiou os intestinos do porco na boca da mulher. O que acontecia era que um guarda (quase sempre Mullins, uma besta com olhos) trazia o prisioneiro da ala G ou D e atravessavam o pátio interior da prisão, o patamar de três andares de celas separados por tectos gradeados e escadarias de ferro onde tudo ressoava; as portas davam todas para a nave central e, tal como se vê nos filmes, o espectáculo é idêntico: centenas de reclusos (oitocentos, creio eu) a baterem com objectos no metal, berros — *bitch*, *fuckin' meat boy*, *dead man walkin'*, *shower mary*, *fairy*, *bent*, *bloody poof*, *bugger* —, insultos de toda a espécie, ameaças destinadas a manter o recluso acordado na primeira noite, transido de medo, a subjugá-lo com facilidade às leis da terra.

No meu caso, quando subi ao segundo andar, já se tinham calado. A última coisa que ouvi foi: *Old as fuck, son*, num sotaque jamaicano. Fora uma semana de muitas chegadas, e a energia começava a faltar. Hank Baines, que chegou uns dias depois de mim, teve direito a gritos até depois de entrar na cela, e conta-se que, no seu tempo, Paul Dunce deixou os reclusos num tal estado de excitação, que alguns até se masturbaram para o corredor.

Com Max, ninguém se pronunciou. Talvez apenas Jack, um dos presos da ala A (que incluía os reclusos com transtornos de personalidade e ao abrigo da London Pathways Unit). Ninguém sabia o nome dele, chamavam-lhe «Jack» por causa

do Jack Nicholson no filme *The Shining*. Quando as pesadas botas de Mullins e os sapatos banais do novo recluso atravessaram a soleira da porta abaixo das escadas, Jack gritou qualquer coisa, mas um dos OO ordenou-lhe: *Shut up, cunt*!, e o tipo calou-se. Ainda que fosse completamente louco, o medo é universal.

Desde que Max chegou à HMP Brixton, vim a acreditar em três coisas. A primeira, que o advogado dele não foi o Anormal; a segunda, que a juíza certamente reconsideraria as nossas sentenças se tivesse julgado antes o caso de Max Loar; e a terceira, que nunca um rapaz com um aspecto tão cândido, e um físico tão pouco impressionante, aterrorizou uma população tão vasta de adultos cadastrados, maldosos e violentos.

No dia seguinte à chegada de Max, sentei-me para almoçar ao lado de Dunce (cheirava melhor do que todos os outros reclusos, e tinha maneiras à mesa) e Hank Baines. Levei uma garfada da comida nojenta à boca — nenhum dos meus saudosos cães se aproximaria daquela mistela! — e perguntei, quebrando o silêncio:

"O que é que aconteceu ontem à noite, chegou o papa?"

Dunce olhou-me, a colher de sopa parada no ar, a caminho da boca:

"Não sabes quem ele é, Brains?"

Fiz que não com a cabeça, a boca cheia de ervilhas que sabiam a óleo.

"É o rapaz da ilha", adiantou-se Hank, que ainda não tocara na comida, é filho do Diabo.

Dunce olhou para Baines como se este já tivesse falado demais — era o costume — e aconselhou-o a baixar o tom de voz. Ri-me daquela idiotice; para coisas do demónio, já bastava aquele horroroso estufado.

"A minha mãe costumava dizer que é melhor andar prevenido do que ser apanhado com as cuecas na mão", alertou Hank.

Ignorando-o, persisti:

"Mas o que é que ele fez, afinal?"

Baines mordeu um pedaço de pão e, inclinando-se para a frente, confessou, em voz baixa:

"Se acham que isto não é coisa do Diabo, então, *bloody hell*…", travou um segundo para engolir o pão; um tipo que havia sufocado a mulher com intestinos de porco, subitamente pálido de terror: "… o rapaz, lá na ilha, o que ele fez ao irmão…"

E foi nesse momento que a cabeça de Hank Baines bateu com força no prato de comida. Um dos Culturistas empurrara-lhe a nuca com violência, o nariz começou logo a sangrar.

"*Fuck*!", berrou, agarrando-se ao rosto com as duas mãos, o sangue a escorrer-lhe entre os dedos. Um dos OO acompanhava o brutamontes — um tipo de óculos e cabelo à escovinha, com quem eu me cruzara muitas vezes.

"Baines, Baines", disse o OO, "és sempre o mesmo." Agarrou-lhe o colarinho da camisola cinzenta, sujo de sangue. "Já sabes que aqui dentro não falamos de certas coisas, *my son*", alertou, e passou-lhe a mão pela nuca, enquanto Hank agarrava o nariz. "*Meat boy*", disse o Culturista, e piscou-lhe o olho, enquanto se afastavam.

Ao fundo do refeitório, Qualls, de polegares enfiados no cinto, assobiava para o lado.

O meu problema nunca foi o mesmo que o de Max Loar. No caso do rapaz, não se tratava de não o quererem fazer; teria sido uma presa fácil e apetecível se fosse um criminoso qualquer. Mas ele não era um criminoso qualquer. Provinha do lugar mais temido em toda a Inglaterra, uma ilha que suscitava o pior medo dos reclusos: a superstição. Podiam foder-se uns

aos outros, violar os recém-chegados, consumir drogas pesadas, andar à pancada — até matar-se; mas, dentro da HMP Brixton (e de todas as outras), ninguém se metia com o Diabo.

Menos eu, claro.

Sou *nobody's bitch*. Estou fora do circuito.

Isso levou-me a não ter qualquer informação sobre o miúdo antes de ele ter chegado. A não formar juízos nem tirar conclusões.

Foi Max Loar, aliás, quem veio apresentar-se.

27 de Março, ilha de St Dismas

Oh, Shenandoah, I long to see you
And hear your rolling river…

Noah travou a cantilena quando viu o celeiro. A nota ficou suspensa — um si que foi descendo, caindo na direcção de um fá sustenido. A noite era demasiado profunda, as luzes demasiado ofuscantes para afinações.

Dois carros da Polícia, com o padrão de xadrez amarelo e azul, e uma carrinha azul-escura, junto da qual um agente gordo, Jeffrey, tentava vestir um fato-macaco branco, ajudado por Shelley, que também não era particularmente versada naquelas situações. Noah saiu do carro a trautear novamente a canção — era o que fazia quando estava nervoso —, e avançou para o gordo, a quem Shelley tentava enfiar uma touca de plástico na cabeça.

"*Bloody hell*!", refilou Jeffrey.

"O chefe?", perguntou Noah.

"Está lá dentro", respondeu Shelley.

Noah olhou para as mãos de Jeffrey.

"Isso são luvas de guarda-redes?"

"Não conseguimos encontrar o material…", justificou-se ele.

"Sim, fomos ao armazém, e não havia nada", disse Shelley.

As luzes azuis dos carros da Polícia iluminavam o cenário macabro. O celeiro, os campos de centeio, a casa dos Loar a meia centena de metros. Noah imaginou o mar gelado do canal de Bristol àquela hora da madrugada, a escuridão inescrutável do seu fundo.

"O que é que vocês são agora, o CSI?", perguntou Noah.

"Porque é que o Miracle não veio?", perguntou Shelley.

"O Miracle não tem estômago para isto", adiantou Jeffrey. "Foi o que o chefe disse."

"E ele tem?"

Jeffrey olhou para Noah, que, sem que ninguém soubesse, estava de pijama debaixo do casaco grosso, do cachecol e do gorro castanho. A única peça da farda que trouxera eram as botas da Polícia, enlameadas dos terrenos de Fairdale.

"Ao menos, ele tem mais experiência nestas *coisas*", respondeu Jeffrey, e olhou para a porta do celeiro, que estava entreaberta.

Num dos carros da Polícia, o tenente Warren fumava um cigarro, sentado ao volante. Noah esfregou o rosto com as mãos. Havia anos que não estava acordado àquela hora. Shelley tentou enfiar novamente a touca de plástico na cabeça de Jeffrey, mas o melão que era a sua careca não facilitava a tarefa.

Noah avançou para o celeiro. *Oh, Shenandoah / way, we're bound away / across the wide Missouri…* Ouviu o seu nome da boca de Warren, o mais velho de todos os polícias da ilha. Dentes podres, rosto pálido e triste, uma barriga enorme; persistia em fumar, embora o médico lhe tivesse dito, vezes sem conta, que o ataque cardíaco estava mesmo à porta.

"*It's not pretty*, *bairn*" disse-lhe Warren.

Bairn: calão escocês para *criança.* O colega fitou-o com a expressão do costume — Noah lembrava-se sempre de um buldogue doente —, mas reparou que, desta feita, a mão que segurava o cigarro tremia ligeiramente.

Nunca vira a mão de Warren tremer.

"O que é que se passa?", perguntou. A alguns metros deles, com as suas luvas de guarda-redes, Jeffrey corria o *zipper*

do fato de plástico em que Shelley também estava enfiada — pareciam dois espermatozóides hiperactivos. "Para além desta palhaçada, claro está."

Warren chupou o cigarro.

"Nunca vi uma coisa assim", disse ele, com terror genuíno nos olhos. "Está tudo fodido."

"Ninguém viu nada nesta ilha", afirmou Noah. "Quantos homicídios tivemos nos últimos anos?"

Warren ficou pensativo; tossiu, o típico catarro de um velho fumador.

"Nenhum", respondeu. "Aliás, não me lembro de alguma vez termos tido um crime violento."

"Nunca?"

Warren fitou-o e abanou a cabeça em negação.

"Que idade tens, Warren?"

"Sessenta e cinco."

"*Bollocks*."

O velho polícia atirou o cigarro fora com um piparote.

"*Okay*, põe-lhe mais uns sete em cima. Ou oito. Mas isto é a minha vida. Se me mandam para casa…"

"Não te preocupes, não vou denunciar a tua condição geriátrica ao chefe."

Noah ia afastar-se, mas a mão de Warren alcançou-lhe o pulso.

"*Bairn*", disse ele, "o que vais encontrar ali dentro não é nada bonito."

"Já o disseste."

Warren ainda murmurou qualquer coisa, mas Noah já se afastara na direcção do celeiro. Era uma noite gelada, e o polícia começava a arrepender-se das calças de pijama, que deixavam entrar o frio glacial que se apoderava de St Dismas naqueles meses.

Do interior do celeiro, nascia uma luz amarelada, quase natural, que, logo descobriu, provinha de duas fortes lanternas cujos feixes incidiam no feno. O chefe O'Hara tinha uma mão na cintura e apontava a sua lanterna para o centro do celeiro, a boca aberta, como se aguardasse que um pássaro lhe entrasse por ali adentro. Olhou de soslaio para Noah. A outra lanterna, na mão de Prajit, tremia ligeiramente.

Ambos os focos iluminavam a figura no centro do espaço. Em redor, toros de madeira, blocos de feno, um escadote tosco, dois ancinhos enferrujados, um par de porcos enfiados num pequeno curral que emprestava um cheiro nauseabundo ao celeiro.

Junto do corpo, Prajit preparava-se para erguer a cabeça da vítima.

"Não", disse Noah.

Prajit voltou-se para trás. Eram três da madrugada e estava impecavelmente vestido: camisa e gravata, *blazer* escuro, sapatos desapropriados para o cenário rural, luvas de médico, uma máscara no rosto moreno. A luz das lanternas tremelicava; as sombras dos três homens projectavam-se nas paredes do celeiro, como espíritos em debandada.

Mas era a figura central daquele quadro grotesco que chamava a si toda a atenção.

"E então?", disse Prajit. "Vamos esperar pelo Richard e pela Judy?"

Gozava com os outros dois, que, lá fora, ainda deviam estar a tentar enfiar a touca na cabeça gigante de Jeffrey.

"Não é isso", adiantou Noah, que, pela primeira vez em muito tempo, se sentiu assolado por um terror existencial. Foi nesse instante que deu conta do gotejar: *tuc, tuc*, as gotas caíam do corpo para dentro de um balde escuro, manchado de ferrugem.

"*Bloody hell*, Noah", insistiu Prajit. "O que foi?"

"Há qualquer coisa estranha", respondeu Noah.

"Ainda bem que te chamei para tirares essa conclusão", disse O'Hara.

Prajit olhou para o chefe da Polícia.

"Prossigo?"

"Sim", disse O'Hara.

"Espera", persistiu Noah.

"Estou a ver que devia ter chamado o Miracle", irritou-se O'Hara.

"Ele está vivo", disse Noah.

E, como se escutasse as palavras do sargento, a vítima ergueu a cabeça e abriu a boca, soltando um urro, algo gutural e profundo, oriundo de um lugar remoto. As lanternas incidiram no rosto macabro, os olhos eram da cor do âmbar, das colmeias repletas de mel, uma cor impossível, e o rapaz — não passava de um miúdo, pensou Noah — engoliu uma derradeira golfada de ar após o grito de súplica. A cabeça voltou a tombar-lhe.

O cabelo comprido, cor de palha, ocultou-lhe as feições.

"*God almighty*", disse O'Hara.

Josep olhou para Noah.

"Os dedos dos pés estavam a mexer-se", explicou Noah. Apontou para onde o pé direito encontrava o toro de madeira — o vértice central da cruz, grosso e imponente —, a carne atravessada, na zona do tálus, por um enorme prego ensanguentado; o outro pé estava amarrado ao primeiro com corda de sisal, a perna esquerda cruzada sobre a direita na zona do joelho.

O corpo tombava da cruz. Em vez da posição tradicional, de braços em linha recta na cruz, os braços do rapaz haviam descaído do toro horizontal, mais curto do que o vertical, os pregos trespassando as mãos e o tronco descaído; em resultado dessa

posição, a cabeça, à semelhança do tronco, pendia para a frente, mas a cruz era de tal maneira sólida, que o sustinha.

O sangue que escorria das mãos escorria também pelo corpo, juntando-se ao dos pés, gotejando para dentro de um balde.

O cadáver estava nu, o pénis escondido nos pêlos púbicos, também tingidos de vermelho e negro. O cheiro do sangue no ar, o frio, o silêncio, tudo contribuía para a aterradora sensação de que o espírito do miúdo ainda pairava por ali. A cruz era um toro de madeira com, pelo menos, dois metros e meio de altura (meio metro enfiado num buraco cavado na terra), a figura do morto era a encarnação do sofrimento.

"*God Almighty*", repetiu O'Hara, e abanou a cabeça. "Que raio é que aconteceu aqui?"

Noah aproximou-se do rapaz crucificado. *Tuc, tuc, tuc*, no balde. O cordeiro de Deus castigado pelos pecados do mundo. O cadáver era magríssimo, as costelas visíveis; as veias dos braços e das pernas, salientes, escurecidas, como teias de aranha. Não existiam marcas de violência, não havia lacerações, mas a pele, embora pálida, encontrava-se marcada por uma agressiva erupção cutânea, disseminada por todo o corpo. O polícia afastou-lhe o cabelo: um rosto banal, contorcido pela dor, de um miúdo de província que, provavelmente, nascera em St Dismas, e nunca dali saíra.

Prajit juntou-se a Noah e, retirando uma das luvas, sentiu a temperatura do cadáver.

"O que é que dirias?", perguntou Noah. Prajit respondeu qualquer coisa inaudível. "Não consigo ouvir-te, tira a merda da máscara."

Prajit baixou a máscara.

"Entre trinta e seis e quarenta e oito horas. Provavelmente."

"Aguentou-se bem, então."

"É muito novo", reparou o médico-legista indiano. "Aliás, *era*."

"Achas que ressuscita daqui a três dias?"

Prajit suspirou. Pôs os óculos, que tirou do bolso interior do casaco, e, em seguida, abriu um estojo metálico que guardava no bolso de chapa e retirou uma pinça do interior. Arrancou uns quantos cabelos ao rapaz e enfiou-os num saquinho de plástico; baixou-se e, com um pequeno frasco, apanhou algumas gotas do sangue que pingava para o balde ferrugento.

E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós, lembrou-se Noah, observando a cena.

As centenas de vezes que recitara aqueles versículos do Evangelho de Lucas — e apenas o Evangelho de Lucas, nenhum outro: *Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus*, costumava ele recitar, na igreja do padre Keane, com dez ou onze anos, vestido de acólito. *Este cálice é o novo testamento do meu sangue, que é derramado por vós*, e depois o padre Keane completava, do seu púlpito: *Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa*, e abria os braços e dava graças ao Senhor.

"Quem o encontrou?", perguntou Noah.

"Foi a mãe", respondeu O'Hara.

Prajit desligara a lanterna para observar o cadáver. Restara a de O'Hara, que tremeluzia.

"Temos de agir rapidamente, antes que isto se espalhe", adiantou o chefe.

"O quê?", perguntou Noah.

"Antes que esta merda chegue aos ouvidos de toda a gente nesta maldita ilha", explicou O'Hara. "E haja um motim, ou um julgamento popular. E alguém acabe na fogueira…"

"… ou crucificado", acrescentou Noah.

"Não tem graça nenhuma", condenou O'Hara. "Chamei-te porque percebes mais do que nós destas porcarias religiosas. Eu sou agnóstico, o Prajit é…" Olhou para o indiano. "Tu és o quê?"

"Na verdade, sou cristão", respondeu Prajit.

"Não pareces nada cristão", comentou O'Hara. "Bom, não importa."

O rapaz crucificado continuava a pingar sangue. Prajit raspou um pouco de pele da perna nua, guardando-a numa lamela.

"Está a insinuar o quê, chefe?", quis saber Noah.

O'Hara afastou o casaco com as duas mãos e aproximou-se dele. Era mais baixo do que Noah, mas mais corpulento, o bigode grisalho caía-lhe por cima do lábio superior.

"Isto é obra dos teus amigos."

"Não são meus amigos."

"Eram."

O'Hara suspirou. Noah sentiu-lhe o hálito a sono.

"Nunca houve um homicídio na ilha, chefe", disse Noah.

"Como é que sabes? Estiveste longe aqueles anos todos."

"O Warren informou-me."

"O Warren tem Alzheimer."

"Bom, mas houve?"

O'Hara tornou a suspirar.

"Não."

"Então, porque é que isto há-de ser obra dos Filhos de Dismas?"

"Porque só esses *fuckin' lunatics* é que eram capazes duma coisa destas."

Nesse momento, Jeffrey e Shelley entraram no celeiro. O'Hara assustou-se e quase deixou cair a lanterna: Jeffrey tinha

a cabeça espremida dentro da touca, quase uma coroa de espinhos; de Shelley, só se viam os olhos e o nariz. O gordo trazia na mão uma caixa branca com todos os apetrechos da Unidade de Crime que a ilha possuía — provavelmente, menos úteis dos que aqueles que Prajit guardava no bolso do casaco.

"Já chegámos, chefe", disse Jeffrey.

"Isso são luvas de guarda-redes, idiota?", perguntou O'Hara.

Na sua cabeça, Noah recomeçou a cantar: *Cross the wide Missouri / Farewell my dearest, I'm bound to leave you…*, enquanto o chefe apontava a lanterna na direcção do rapaz crucificado.

Soltando um ruído parecido com o de uma galinha em fuga, Jeffrey fitou, durante uns segundos, o cadáver pendurado da cruz e, em seguida, desmaiou no feno, largando a caixa de objetos inúteis no chão do celeiro.

O sangue gotejava para dentro do balde.

CEM ANOS DE PERDÃO

UM THRILLER DE JOÃO TORDO

Depois de ÁGUAS PASSADAS, a dupla Pilar Benamor e Cícero Gusmão regressa para um novo mistério de matizes bizarros.

Na pequena e remota ilha de St Dismas, ao largo da Inglaterra, um crime violentíssimo entre irmãos choca a comunidade, trazendo à superfície o mal-estar entre os ilhéus e os Filhos de Dismas, uma seita religiosa que perdura há séculos. A Polícia local vê-se a braços com um caso que parece impossível de resolver, com a investigação travada pelo obscuro fanatismo dos crentes.

Max Loar, o homicida confesso, acaba na prisão de Brixton, enquanto ondas de choque repercutem na imprensa do Reino Unido perante a brutalidade do crime. É na cadeia que conhece Cícero, que está preso por homicídio. Apesar dos esforços de Cícero para compreender o rapaz, as coisas acabam mal. Pouco depois, recebe a visita de Pilar Benamor, a jovem ex-subcomissária da PSP que, desde a violenta resolução do caso Drexler em ÁGUAS PASSADAS, desapareceu do mundo. No reencontro com o velho amigo, Pilar recebe a resposta aos seus sonhos premonitórios e não resiste a mergulhar de cabeça na história dos irmãos Loar, rumando à ilha — um lugar enigmático, pleno de forças malignas.

«Poucos autores portugueses têm unhas para o *thriller*, e Tordo sai vencedor da experiência.»
João Céu e Silva, *Diário de Notícias*

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
companhiadasletrasportugal
penguinlivros
ISBN 9789897876158
9 789897 876158 >